

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MÃE FRENTE A MORTE DE UM(A) FILHO(A) E A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

Nayara Dias Andrade¹
Wiviana Paiva Vilela de Oliveira¹
Ivandira Anselmo Ribeiro Simões²
FAPEMIG³

Os maiores mistérios que circulam o ser humano se refere as suas origens, ao seu papel no mundo e a sua finitude. Para tentar explicar e compreender esses mistérios, a humanidade vem procurando respostas através de conhecimentos filosóficos, científicos e religiosos. Frente à morte, o sujeito poderá manifestar diversos sinais e sintomas, tanto cognitivos (sensação de presença, e até mesmo alucinações), emocionais (tristeza, culpa,) e comportamentais (isolamento social, evitar ou portar objetos que pertenciam a ela), quanto físicos (queixas de “aperto no peito”, fraqueza). A morte prematura é complicada, pois não há normas sociais que auxiliam na sua preparação e no seu enfrentamento. Esse tipo de perda é vista como injustiça, pois coloca um fim a uma vida e a um relacionamento antes de seu fim natural, tirando as esperanças e os sonhos de um futuro que não irá mais existir. O Luto é uma sensação de perda irreversível. A crise é um fator estressor, e neste momento os indivíduos utilizam dos próprios recursos para lidar com esta situação, sendo assim uma experiência pessoal e única, para cada pessoa. Estudos com pais em luto têm mostrado que o luto não cessa com a ruptura do laço com a criança morta, mas sim envolve um laço contínuo entre o pai/mãe e a criança morta. O profissional de Enfermagem precisa construir vínculos que possibilitem o olhar sobre os indivíduos, suas famílias e seu contexto de vida. A superação do luto por parte dos pais é um processo de integração da criança morta á vida diária em que a dor da perda da criança nunca acaba apenas reduz. Este estudo teve como objetivos compreender como as mães conseguiram passar pela situação da morte de um(a) filho(a); Identificar como foi a assistência prestada pelo enfermeiro no atendimento a esta mãe e Identificar as características pessoais e sócio econômicas das entrevistadas. É uma pesquisa qualitativa, descritiva, exploratória e transversal. Os participantes foram 20 mães, sendo 10 que residem em Itajubá-MG e 10 em Cristina-MG. Os critérios de inclusão foram: Ter vivenciado a morte de um filho em quaisquer situações (natimorto, acidente, doença, etc.), há mais de um ano, pois é impossível pressupor o tempo de duração e intensidade do luto, porém o tempo mínimo é de um ano, residir nas cidades de Itajubá e Cristina, aceitar participar da pesquisa e ser maior de 18 anos. E os critérios de exclusão: Não residir na cidade de Itajubá e Cristina, não ter vivenciado a morte de um filho, menos de um ano de perda de um filho e ser menor de 18 anos. A amostragem foi do tipo proposital (intencional ou racional). Esse tipo de amostragem não depende de como os participantes iniciais são selecionados, o pesquisador

¹ Discentes do 9^o período do Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz, EEWB. Itajubá, Minas Gerais. **Email:** naydiasandrade@hotmail.com; wivivilela@hotmail.com

² Orientadora. Mestra em Bioética pela Universidade do Vale do Sapucaí. Docente da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz, EEWB. Itajubá, Minas Gerais. Email: ivandira@uol.com.br

³ Fonte Financiadora

geralmente procura escolher membros da amostra, propositalmente, com base nas necessidades de informação que emergem dos resultados preliminares. Utilizou-se para a coleta de dados dois instrumentos: o primeiro destinado à identificação das características pessoais das mães, o qual é constituído de perguntas abertas e fechadas referentes à idade, escolaridade, situação conjugal, de trabalho e religião, motivo da morte do filho. O segundo trata-se de uma entrevista semi-estruturada, constituída de duas perguntas. A primeira questão é sobre a experiência da mãe ao passar pela morte de um(a) filho(a). A segunda pergunta está relacionada à ajuda que as mães receberam pelos profissionais de saúde, principalmente o enfermeiro. A amostra foi do tipo bola de neve e o método utilizado foi discurso do sujeito coletivo (DSC), Expressões Chaves (ECH) e Ideia Central (IC). A privacidade e o anonimato das mães foram respeitados, e as mesmas assinaram o do termo de consentimento livre e esclarecido. A pesquisa seguiu as recomendações da resolução 196/96 do CNS. E foi finalizada com a resolução 466/12. Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz. Como resultados das 20 mães entrevistadas a média das idades foram 53,4 anos; 55% eram casadas, 95% da religião católica, 30% possuem o ensino fundamental completo. A profissão que mais prevaleceu foi Do lar. O motivo da morte do filho foi 25% de acidente. Sobre o tema a mãe frente a morte de um(a) filho(a), identificamos cinco ideias centrais e dessas as que mais prevaleceram foram, “Muito Difícil”, e “Muito Triste”. E diante do tema Enfermeira(o) na assistência da mãe que perdeu um(a) filho(a) obtivemos também cinco ideias centrais, das quais as duas que mais prevaleceram foram “Não” e “Sim, Enfermeira”. Considerando que a morte ainda não é bem aceita pela sociedade, percebeu-se que tratar desse tema não é fácil. O medo que esta causa para a maioria das pessoas é devido a não estarmos acostumados com o fato de que um dia morreremos, que esse fenômeno faz parte do ciclo vital e também pelo sentimento de fim e perda que é causado. Por esses motivos, não é fácil passar pela morte de um ente ou pessoa querida, o que faz com que as pessoas não entendam e tenham dificuldade em supera-la. Para algumas mulheres, a perda de um filho se torna um fardo pesado, não são capazes de cortar o cordão umbilical e tem um apego exagerado pelo filho, é aí que não conseguem superar e chegam a se tornar uma pessoa amarga. Assim, na maioria das vezes o que ajuda a superar é a fé, a capacidade de acreditar em Deus e se esvaziar de si mesmo e ir ao encontro do outro se ocupar, e vimos que agem assim. Outros estudos devem ser realizados sobre o tema trabalhado neste, pois houve certa dificuldade em encontrar referências, visto que existem poucos autores e este é um assunto pouco discutido. A morte de um filho não é um assunto fácil a ser tratado, porque a ordem natural da vida é que os filhos enterrarem os pais e não o contrário, sendo assim, a maioria das pessoas, em especial as mães, não estão preparadas para enfrentar esse problema, e não importa como ou quando, essa dor sempre vai ser a mesma e esta é inexplicável e muitas vezes insuperável.

Palavras-chave: Mãe. Morte. Enfermagem.

REFERÊNCIAS

HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D. **Wong**: fundamentos de enfermagem pediátrica. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier.

KLASS, D. The inner representations of the dead child in the psychic and social narratives of bereaved parents. In: NEIMAYER, R. A. **Meaning reconstruction e the experience of loss**. Washington: [s.n.], 2001. p. 77-94.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**: avaliação de evidências para a prática de enfermagem. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011

RODRIGUES, C. R. F.; ZIONI, F. Família como foco na atenção a saúde: perspectiva da saúde da família. In: OHARA, E. C. C.; SAITO, R. X. de S. **Saúde da família considerações teóricas e aplicabilidade**. 2. ed. São Paulo: Martinari, 2010.

SANTOS, F. S. **Cuidados paliativos**: discutindo a vida, a morte e o morrer. São Paulo: Atheneu, 2009.

SILVA, A. C. de. O.; NARDI, A. E. Luto pela morte de um filho: utilização de um protocolo de terapia cognitivo-comportamental. **Revista Psiquiátrica do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 113-116, fev. 2010.

SOUZA, T. R. C. de. **Morte e luto**: desafio para o profissional de saúde. São Paulo, [2011?]. Disponível em: <<http://www.nhu.ufms.br/Bioetica/Textos/Morte%20e%20o%20Morrer/MORTE%20E%20LUTO.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2011.

SPORTELLO, E. F.; OLIVEIRA, M. A. de C.; SAKURADA, C. K. Assistência domiciliar em cuidados paliativos: a experiência do HU/USP. In.: PIMENTA, C. A. de. M.; MOTA, D. D. C. de. F.; CRUZ, D. de. A. L. M. da. **Dor e cuidados paliativos**: enfermagem, medicina e psicologia. Barueri: Manole, 2006.

WALSH, F. Perda, recuperação e resiliência. In: _____. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Roca, 2005. p. 165-196.